

O INTRADUZÍVEL E OS PROCESSOS DE TRADUÇÃO DE SETE POESIAS DE NELO RISI<sup>1</sup>

Wiliam Farnesi

Universidade de São Paulo

**Resumo:**

Nesta tradução comentada apresentamos os processos de tradução para o português de sete poemas do poeta italiano Nelo Risi (1920-2015) registrando os diálogos internos do tradutor diante de desafios de intraduzibilidade cultural e linguística. Neste trabalho, introduzimos pela primeira vez em português as traduções de *Dino, vorrei* (“Dino, eu gostaria”), *La settimana del poeta* (“A semana do poeta”), *Il figliol prodigo* (“O filho pródigo”), *Finora se l’è sempre cavata* (“Até agora sempre se virou”), *Il virtuoso* (“O virtuoso”), *Intermezzo lieve* (“Interlúdio leve”) e *Congedo* (“Despedida”). Estes poemas integram respectivamente os seguintes livros de poesia de Nelo Risi: *Polso Teso* (“Pulso tenso”) de 1956, *Pensieri elementari* (“Pensamentos elementares”) de 1961, *Di certe cose che dette in verso suonano meglio che in prosa* (“De certas coisas que ditas em versos soam melhor que em prosa”) de 1970, *Il fabbricante del bello* (“O fabricante do belo”) de 1982, *Le risonanze* (“As ressonâncias”) de 1987, *Altro da dire* (“Mais a dizer”) de 2000 e *Né il giorno né l’ora* (“Nem o dia nem a hora”) de 2008. Esta é a primeira tradução de uma antologia de poesias de Nelo Risi em português.

**Palavras-chaves:** Nelo Risi, estudos da tradução, intraduzibilidade, poesia italiana

**Abstract:** This annotated translation presents the process of translating seven poems by the Italian poet Nelo Risi (1920-2015) into Portuguese, documenting the translator's internal dialogues as they confront challenges of cultural and linguistic untranslatability. This study introduces, for the first time in Portuguese, translations of *Dino, vorrei* (“Dino, I would like”), *La settimana del poeta* (“The poet's week”), *Il figliol prodigo* (“The prodigal son”), *Finora se l’è sempre cavata* (“So far, he always got away with it”), *Il virtuoso* (“The virtuoso”), *Intermezzo lieve* (“Gentle interlude”), and *Congedo* (“Farewell”). These poems are respectively from the following poetry books by Nelo Risi: *Polso Teso* (“Tense Pulse”) from 1956, *Pensieri elementari* (“Elementary Thoughts”) from 1961, *Di certe cose che dette in verso suonano meglio che in prosa* (“Of certain things that said in verse sound better than in prose”) from 1970, *Il fabbricante del bello* (“The maker of beauty”) from 1982, *Le risonanze* (“The resonances”) from 1987, *Altro da dire* (“More to say”) from 2000 and *Né il giorno né l’ora* (“Neither the day nor the hour”) from 2008. This marks the first Portuguese translation of an anthology of Nelo Risi's poems.

**Keywords:** Nelo Risi, Translation Studies, untranslatability, Italian poetry

---

<sup>1</sup> Todas as traduções do italiano ao português são de minha autoria.

## 1. Introdução a Nelo Risi

Nelo Risi (1920, Milão - 2015, Roma) foi poeta, tradutor e diretor de cinema italiano. O seu livro de poesia de estreia é *Le opere e i giorni* de 1941. E o último livro publicado em vida é *Né il giorno né l'ora* de 2008. Portanto, uma carreira literária de mais de sessenta anos como poeta com dezenove livros publicados em vida.

Recebeu alguns prêmios literários importantes, como o Viareggio de 1970 por *Di certe cose* e o Brancati de 2001 por *Altro da dire*.

Em uma entrevista, Nelo Risi autodescreve a sua natureza e sua predileção pelo concreto e pelo real em sua obra poética :

Eu gosto de nomear as coisas, chamá-las pelos seus nomes, e dos fatos tirar uma moral ou sugeri-la. Sou lombardo, minha educação é laica e iluminista; [...] Certamente tenho pouca imaginação e minha natureza é mais reflexiva do que criativa (Risi<sup>2</sup>, 1981, p.408-409 *apud* Ioli, 2018, p. 259).<sup>3</sup>

Formou-se em medicina como o irmão também diretor de cinema, Dino Risi, mas ambos raramente exerceram a profissão de médico. Casou-se em 1966 com a escritora, poeta e tradutora de origem húngara Edith Bruck.

Como escreve Nelo Risi em *Dentro la sostanza*, “escrever é um ato político” (Risi, 1965 *apud* Ioli, 2018, p. 256).<sup>4</sup> E, em toda a sua vida literária, buscou ser coerente com esta máxima.

A poeta Alida Airaghi (2018) traça aqui um perfil bastante preciso de Nelo Risi:

Com uma escrita discursiva e em prosa, irônica e elegante, claramente seca, Risi aborda temas civis e éticos nas suas antologias, com tons que evitam a retórica e o esteticismo presunçoso, a evasão, o hermetismo ou o experimentalismo linguístico, optando por uma linguagem apaixonada e radical, por vezes até ressentido, ao tratar de temas de relevância moral e política (racismo, conformismo cultural, superficialidade das relações humanas), claro e delicado ao tratar de memórias familiares, de amigos, de mulheres e de cidades amadas (Airaghi, 2018, s.p.).<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> RISI, Nelo. “Comunicato stampa Ritz cinema d’essai 1966”, in FOFI, G; FALDINI, F(ORG), *L’avventurosa storia del cinema italiano*. Milano: Feltrinelli, 1981.

<sup>3</sup> No original: “*A me piace nominare le cose chiamarle col loro nome, e dai fatti trarre una morale o suggerirla. Sono un lombardo, la mia educazione è laica e illuminista;[...] Sicuramente sono dotato di scarsa immaginazione e la mia natura è più riflessiva che creativa*”.

<sup>4</sup> No original: “*Scrivere è un atto politico*”.

<sup>5</sup> No original: “*Con una scrittura discorsiva e prosastica, ironica ed elegante, nitidamente asciutta, Risi ha affrontato nelle sue raccolte temi civili ed etici, con tonalità che rifuggivano dalla retorica e dal compiaciuto estetismo, dall’evasione, dall’ermetismo o dallo sperimentalismo linguistico, optando invece per un linguaggio appassionato e radicale, a volte addirittura risentito, quando si misurava con argomenti di rilevanza morale e politica (il razzismo, il conformismo culturale, la superficialità dei rapporti umani), limpido e delicato quando trattava di ricordi familiari, amici, donne e città amate*”.

Em alguns contextos, Nelo Risi é até mais conhecido como cineasta que como poeta. Afinal, realizou onze longa-metragens entre 1962 e 1991 – *Diario di una schizofrenica* de 1968, o mais célebre – e doze documentários sendo o último deles *Possibili rapporti. Due poeti, due voci* de 2008, em que registra uma conversa com o poeta Andrea Zanzotto, ambos então com mais de oitenta anos.

Nelo Risi vê uma proximidade entre as duas artes, já que o cinema “não está tão distante da poesia, uma imagem e depois outra e mais uma... um verso e outro. Às vezes as regras do cinema facilitam a escrita e vice-versa” (Risi,<sup>6</sup> 1988 *apud* Ioli, 2018, p. 248).<sup>7</sup>

No cinema, o seu mestre foi Roberto Rossellini (Ioli, 2018, p. 255) “considerado por ele o maior diretor do cinema italiano, que o ensinou a reviver a realidade trabalhando com a ficção”.<sup>8</sup> Na poesia italiana, a maior referência é Eugenio Montale. De quem foi amigo e com quem conviveu nos círculos literários milaneses.

Em um artigo, Montale<sup>9</sup> escreve sobre a obra de Nelo Risi nestes termos: “os caracteres de um poema que aspira à tensão, à simplificação do meio expressivo e à substância nua de um sentimento que nunca se desprende da reflexão”(Montale, 1966 *apud* Ioli, 2018, p. 256)

.<sup>10</sup>

Maurizio Cucchi, tradutor, poeta e crítico, foi o responsável pela organização de *Tutte le poesie*, volume que reúne todas as poesias de Nelo Risi, publicado pela editora Mondadori em 2020. Para Cucchi (2020), Nelo Risi é autor de uma obra poética que “alimenta-se de prosa, que voa deliberadamente baixo, que mergulha nas coisas do seu tempo e tem horror a qualquer traço de ênfase, mas que faz da elegância discreta e da vivacidade do gesto e dá voz às suas exigências estilísticas mais sólidas” (Cucchi, 2020, p. 9).<sup>11</sup>

Nelo Risi teve uma constante e longa atividade como tradutor por mais de 50 anos. Embora tenha participado de traduções a quatro mãos do grego e do húngaro, a sua principal atividade como tradutor foi dedicada à poesia francesa. Entre os poetas franceses mais

---

<sup>6</sup> RISI, Nelo. “I Contemporanei vedono se stessi”, in: **L’Almanacco della Cometa**, 1988

<sup>7</sup> [...] non è poi così lontano dalla poesia, un’immagine e poi un’altra e un’altra ancora... un verso e un altro ancora. A volte le regole del cinema facilitano la scrittura, e viceversa.

<sup>8</sup> [...] da lui considerato il più grande regista del cinema italiano, che gli insegnò a far rivivere la realtà lavorando con la finzione.

<sup>9</sup> MONTALE, Eugenio. «L’enorme anonimato in cui tutti viviamo», *Corriere della sera*, 6 de fevereiro de 1966, p. 11 [hoje publicado in MONTALE, Eugenio, **Sulla poesia**, Milão: Mondadori, 1976, pp. 150-151].

<sup>10</sup>No original: “I caratteri di una poesia che aspira alla tensione, alla semplificazione del mezzo espressivo e alla nuda sostanza di un sentimento che non è mai distaccato dalla riflessione”.

<sup>11</sup> No original: “[...]che si nutre di prosa, che vola deliberatamente bassa, che si immerge nelle cose del suo tempo e ha orrore di ogni traccia d’ênfasi, ma que fa dell’eleganza sobria e della vivacità del gesto e della voce i propri requisiti stilistici più solidi”.

traduzidos por Nelo Risi estão Pierre Jean Jouve e Jean Laforgue, mas também traduziu Guillaume Apollinaire, Gérard de Nerval, Raymond Queneau e Henri Michaux, entre outros. Algumas dessas traduções foram depois reunidas numa antologia publicada em 1994 com o título de *Compito di francese e altre lingue 1943-1993*. Como lembra a poeta Alida Airaghi (2023), o interesse de Nelo Risi pela literatura francesa “remonta provavelmente ao período passado em Paris no pós-guerra (1948-1953)”.<sup>12</sup>

Giovana Ioli (2018) lista as principais influências de Nelo Risi como sendo “os estudos de medicina, as experiências da guerra no front russo, a escola de Freiburg que acolheu refugiados que escaparam da perseguição de guerra e a familiaridade com a câmera cinematográfica” (Ioli, 2018, p. 248).<sup>13</sup> E Ioli lembra ainda que a atividade de tradutor influenciou também o poeta: “as traduções de Risi não são irrelevantes para traçar o seu perfil, pois ele redefinía e renomeava as palavras alheias a ponto de transformá-las em sua própria realidade poética”(Ioli, 2018, p. 257).<sup>14</sup>

Com a esposa Edith Bruck traduziu a quatro mãos alguns poetas húngaros como Gyula Illyés e Miklós Radnóti. Foram 49 anos de matrimônio e uma legendária história de amor entre dois escritores. Em uma entrevista, Edith Bruck<sup>15</sup> descreve o seu profundo apeço por Nelo Risi:

A sua incorruptibilidade, a sua dignidade, a sua aristocracia inata, a sua coerência, a sua retidão, o seu dar sem pedir, sem ceder à censura do seu trabalho televisivo, pagando o preço com períodos de desemprego. Amo-o pelo seu pudor, pela humildade dos grandes, pela ironia culta, pela discrição e pela sensibilidade. Por sua total falta de interesse material e de bens, ele usa o dinheiro para livros e discos; ele me repete que para um homem basta cobrir-se se tiver frio, comer se tiver fome e ter um teto sobre a cabeça. E assim foi o seu pai médico que tratou os mais desfavorecidos, o seu avô engenheiro que deixou aos seus queridos filhos um testamento ético e moral, nada mais. Amo-o pela sua liberdade de dizer, de agir, pelo seu compromisso civil e pela sua rica generosidade sem ser rico (Bruck, 2017, p. 30 *apud* Ioli, 2018, p. 258-259).<sup>16</sup>

<sup>12</sup> No original: “L’interesse per la letteratura d’oltralpe va fatto probabilmente risalire al periodo trascorso a Parigi nel dopoguerra (1948-1953)”.

<sup>13</sup> No original: “Gli studi di medicina, le esperienze della guerra sul fronte russo, la scuola di Friburgo che accolse i rifugiati che si sottraevano alle persecuzioni belliche e la familiarità con la macchina da presa”.

<sup>14</sup> No original: “Le traduzioni di Risi non sono ininfluenti per tracciare il suo profilo, perché ridefiniva e rinominava le parole altrui al punto da trasformarle in una realtà poetica sua”.

<sup>15</sup> BRUCK, Edith. «L’uomo Nelo Risi», in IOLI, Giovanna (ORG) **Parole e immagini per Nelo Risi. Atti del convegno San Salvatore Monferrato-Alessandria, 13-14 ottobre 2016**, Novara: Interlinea, 2017, p. 29-31.

<sup>16</sup> No original: “La sua incorruttibilità, dignità, aristocrazia innata, la sua coerenza, la sua rettitudine, il suo dare senza chiedere, senza cedere a censure sui propri lavori televisivi pagandone il prezzo con periodi di disoccupazione. Lo amo per il suo pudore, umiltà dei grandi, ironia colta, discrezione e sensibilità. Per il totale disinteresse materiale e per la proprietà, i soldi li usa per i libri, i dischi; mi ripete che per un uomo basta coprirsi se ha freddo, mangiare se ha fame e avere un tetto sul capo. E così fu suo padre medico che curava i più diseredati, suo nonno ingegnere che ha lasciato ai cari figli un testamento etico morale, null’altro. Lo amo per la sua libertà di dire, di agire, il suo impegno civile e la sua generosità ricca senza essere ricco”.

A seguir as traduções de *Dino, vorrei* (“Dino, eu gostaria”), *La settimana del poeta* (“A semana do poeta”), *Il figliol prodigo* (“O filho pródigo”), *Finora se l’è sempre cavata* (“Até agora sempre se virou”), *Il virtuoso* (“O virtuoso”), *Intermezzo lieve* (“interlúdio leve”) e *Congedo* (“Despedida”). Esta pequena antologia de poesias de Nelo Risi apresenta aspectos e momentos bastante diversos de sua produção poética.

## 2. Tradução comentada de sete poesias de Nelo Risi

### 1) *DINO, VORREI* (“DINO, EU GOSTARIA”)

#### DINO, VORREI

Senza fiori  
senza nuvole senza neve  
parata della sua sola terra  
ci sembrò più bella  
preda sforzata dall’aria.  
Viaggiatori leggeri  
senza date  
senza storia  
senza valige al seguito  
alzando appena il gomito  
col litro di bianco Corvo  
sulla tovaglia  
della carta d’Italia.  
Agrigento, hai il cuore  
cariato del tempio  
alla tua destra  
per chi viene dal mare.  
Poi ci augurammo  
che si mettesse a piovere  
tanto serena  
e chiara era la notte  
e il velluto palpabile.  
La Celere immobile  
fuori Lercara  
non è la gente a profusione  
tutt’un popolo cui si vuol bene  
che si vorrebbe conoscere.  
Noi ci facciamo umani  
torniamo semplici  
come le foglie

#### DINO, EU GOSTARIA

Sem flores  
sem nuvens sem neve  
desfile só de sua terra  
nos pareceu mais bonita  
preda assoberbada pelo ar.  
Viajantes leves  
sem datas  
sem história  
sem malas a reboque  
mal levantando o cotovelo  
com o litro de branco Corvo  
na toalha de mesa  
com o mapa da Itália.  
Agrigento, tens o coração  
cariado do templo  
à tua direita  
de quem vem do mar.  
Depois desejamos  
que comesse a chover  
tão serena  
e clara era a noite  
e o veludo palpável.  
A viatura imóvel  
além de Lercara  
não é gente em profusão  
um povo inteiro que se quer bem  
que se gostaria de conhecer.  
Nós nos fazemos humanos  
voltamos a ser simples  
como as folhas

o le colline gialle  
di quest'ottobre fiorito  
del solo fiore di zolfo.

ou as colinas amarelas  
deste outubro florido  
só da flor de enxofre.

Este poema faz parte do livro *Polso teso* ("Pulso tenso") de 1956. E integra a seção *Viaggi e fatti personali* ("Viagens e fatos pessoais").

O poema é escrito em uma única estrofe com trinta e três versos e seis períodos variando de quatro a oito versos cada um (o primeiro, cinco versos; o segundo, oito; o terceiro, quatro; o quarto, cinco; o quinto, também cinco e, finalmente, o sexto com seis versos).

A primeira palavra do título se refere ao irmão mais velho de Nelo Risi, o diretor de cinema Dino Risi, autor de importantes comédias e filmes como *I mostri* (1963) e *Profumo di donna* (1974). Dino Risi recebeu prêmios como o Leão de Ouro à carreira, concedido pelo Festival de Cinema de Veneza em 1972, e, além disso, os prêmios Oscar, César e David Donatello, sempre pelo filme *Profumo di donna*. (Dino Risi, 2026)

A primeira questão a se ressaltar na tradução em português deste poema é a explicitação no título do pronome pessoal de primeira pessoa (eu) enquanto o mesmo é implícito no original. A nossa escolha por esta clarificação se deve ao tom coloquial da poesia, uma espécie de diálogo íntimo com o irmão que em português é mais natural e coloquial com o uso do pronome pessoal, enquanto que em italiano este uso é desnecessário para este efeito.

No primeiro período, é o quinto verso aquele de mais difícil interpretação: *preda sforzata dall'aria*. E a principal dificuldade se refere ao sentido de *sforzata*. Interpretamos o significado do verbo *sforzare* neste contexto como sendo o de *sottoporre a uno sforzo eccessivo* (Sforzare, 2023) e assim traduzimos *sforzata* no sentido de sobrecarregada como "assoberbada". A outra escolha refere-se à tradução de *preda* que poderia se dar em português por "presa" ou "preda" (com a mesma grafia do italiano) no sentido de animal que é perseguido por um predador. "Presa" seria a palavra mais comum e coloquial neste sentido em português. No entanto, poderia ser confundida com o sentido de estar presa. Então preferimos traduzir o quinto verso deste modo: "preda assoberbada pelo vento".

No segundo período, talvez a questão mais relevante seria aquela de uma nota ou um texto de apresentação à poesia onde se esclarece que o *bianco Corvo* citado é um vinho siciliano fresco e frutado e a empresa dona desta marca tem sua sede na cidade de Casteldaccia, na região metropolitana de Palermo. Além disso, as videiras para a produção do vinho branco e tinto da empresa se encontram em Agrigento e Caltanissetta (Corvo Vini,

2023). Agrigento é o local onde se narram os fatos desta poesia que, além disso, integra uma seção do livro que trata de viagens e fatos pessoais, afinal se trata de uma viagem com o irmão a Agrigento, na Sicília.

No terceiro período, embora não tenhamos identificado o templo a que se refere o poeta como sendo *cariato* (*cariato*) como o coração de Agrigento, seria útil contextualizar ao leitor em um texto de apresentação da poesia ou em uma nota que em Agrigento está o Vale dos Templos, patrimônio da humanidade da Unesco e o maior parque arqueológico da Europa e do Mediterrâneo (Valle dei Templi, 2023)

No quarto período, a noite de Agrigento era tão serena, clara e estrelada que os irmãos Risi expressam paradoxalmente o desejo que começasse a chover provavelmente em busca de um equilíbrio diante de um cenário exageradamente plácido.

No quinto período, temos um jogo de palavras com sentidos opostos no original em *La Celere immobile* que não foi possível reproduzir na tradução, ou seja, a ideia de algo que é rápido (*célere*) e ao mesmo tempo imóvel (*immobile*). Na verdade, *Celere* aqui significa uma seção da polícia italiana instituída depois da segunda guerra mundial para situações de emergência (Celere, 2023). Na tradução, este contexto histórico e o jogo de palavras foram cancelados mas poderiam de certo modo ser recuperados num comentário à poesia ou numa nota do tradutor que pudesse descrever esta dificuldade de tradução. Lercara se refere à cidade de Lercara Friddi que fica a meio caminho entre Palermo e Agrigento. (Lercara Friddi, 2023)

No sexto período é interessante observar o jogo de amarelos do outono com suas folhas secas e o *zolfo di Sicilia* (Zolfo di Sicilia, 2023), o mineral do enxofre e seus cristais amarelos.

E também o último período é como um arremate ao título suspenso na expressão *Dino, vorrei* (“Dino, eu gostaria”) e o desejo, na verdade, é aquele que pudéssemos voltar a ser simples como a natureza refletida nesta paisagem de Agrigento com suas folhas amarelas da estação outonal, amarelo também dos cristais do “enxofre de Sicília” e em presumíveis flores fora da estação, também provavelmente amarelas - embora o outono na Sicília tenha temperaturas compatíveis com o florescimento de muitas plantas.

## 2) LA SETTIMANA DEL POETA (“A SEMANA DO POETA”)

### LA SETTIMANA DEL POETA

Lunedì forse che sì  
Martedì forse Queneau

### A SEMANA DO POETA

Segunda talvez sim  
Terça talvez Queneau

Mercoledì Giovedì Valery  
Sabato Rilke  
Domenica prosa.

Quarta Quinta Sainte-Beuve  
Sábado Rilke  
Domingo prosa.

O poema *La settimana del poeta* (“A semana do poeta”) está presente em dois livros de Nelo Risi: em *Polso Teso* (“Pulso Tenso”), de 1956, na seção *Cronaca* e também em *Né il giorno né l’ora* (“Nem o dia nem a hora”), de 2008, o último livro de poesias de Nelo Risi publicado em vida, precedida neste último de um texto onde explica a origem deste poema:

Quando eu vivia em Paris, nos primeiros anos cinquenta, compunha também as minhas próprias zombarias verbais jogadas com ironia e paródia. Alguns daqueles divertimentos se salvaram encontrando acolhida na página de um livro; era uma forma de anarquia literária, de defesa das modas da época, uma ponta de surrealismo, também uma reação à alta mensagem dos herméticos. *Pitrieries* o chamavam os franceses (Risi, 2020).<sup>17</sup>

Este poema tem uma única estrofe com cinco versos. O primeiro verso parece fazer referência ao escritor Gabriele d’Annunzio e seu romance *Forse che sì, forse che no*. O segundo verso faz um jogo de fonético com o nome do escritor francês (Raymond) Queneau que na pronúncia de seu sobrenome reproduz uma resposta negativa em italiano: *che non*. O terceiro verso tem um jogo sonoro em que se substitui *Venerdì* (“Sexta-feira”) por “Valery”. Isto, certamente, não é possível de se reproduzir em português porque “Sexta” ou “Sexta-feira” tem uma sonoridade muito diferente de “Valéry”.

Uma opção seria substituir “Valery” por um sobrenome de um poeta francês de igual notoriedade e de mesma época que tivesse uma sonoridade que lembrasse “Sexta-feira”. Consultando na internet elencos de nomes de poetas franceses na letra “S” (Liste De Poètes De Langue Française, 2023) encontramos “Sainte-Beuve” como possível substituição de “Valéry”. Em seguida, refletimos que a correspondência de igual números de sílabas e de mesmo acento tônico na última sílaba que existe tanto em “Valéry” como em “Venerdì”, tornava inferior a mesma relação entre “Sexta” ou “Sexta-feira” e “Sainte-Beuve”. Tentamos, numa etapa seguinte, substituir “Valéry” por “Supervielle” — que, embora ressoasse melhor com “Sexta-feira”, nos pareceu ser um autor muito menos célebre que o primeiro. Ainda que o nome de Jules Supervielle tenha a vantagem neste contexto de ter sido traduzido pelo

---

<sup>17</sup> No original: “Quando vivevo a Parigi, nei primissimi anni Cinquanta, componevo anch’io i miei bravi scherzi verbali giocati sull’ironia e la parodia. Qualcuno di quei divertimenti si è salvato trovando accoglienza nelle pagine di un libro; era una forma di anarchia letteraria, di difesa dalle mode dell’epoca, una coda del surrealismo, anche una reazione all’alto messaggio degli ermetici. «Pitrieries» le chiamano i francesi”.

próprio Nelo Risi em 1956.<sup>18</sup> Mantivemos, por fim, “Sainte-Beuve” na tradução, retornando a primeira solução, embora seria necessário uma nota do tradutor que explicasse os problemas enfrentados nesta tradução onde a questão do intraduzível é um tema explícito.

Acreditamos que era prioridade para o poeta neste poema mais o jogo sonoro que o nome do poeta citado no terceiro verso. Por isso preferimos ousar em trocar “Valéry” por “Sainte-Beuve”.

### 3) *IL FIGLIOL PRODIGO* (“O FILHO PRÓDIGO”)

#### IL FIGLIOL PRODIGO

Frank Costello ha inviato 15 milioni  
al vescovo di Cassano Jonio  
per la costruzione di un asilo.  
(*dai giornali*)

Era partito anche lui come tanti  
quando ancora la gente leggevano il «Cuore»  
da un'oasi di fame a uno stato di ristoro.  
Nato a Cassano Jonio in provincia di Cosenza  
per quarantanni non scrisse neanche una lettera ai suoi.  
Lavorò duro e pulito; non da cafone, senza usare il coltello  
agendo solo su ordinazione. Adesso si prepara il ritorno  
con donativi al vescovo del suo paese  
perché i bambini imparino ad amarlo –  
lui che ha fatto soldi con l'Anonima Assassini.

#### O FILHO PRÓDIGO

Frank Costello enviou 15 milhões  
ao bispo de Cassano Jonio  
para a construção de uma creche  
(*segundo os jornais*)

Tinha partido ele também como tantos outros  
quando as pessoas ainda liam *Cuore*  
de um oásis de fome para um estado de alívio.  
Nascido em Cassano Jonio em província de Cosença  
por quarenta anos não escreveu nem mesmo uma carta para os seus.  
Trabalhou duro e limpo, não como um homem rude, sem usar a faca  
agindo somente sob encomenda. Agora se prepara para o retorno  
com doações ao bispo de sua cidade natal

---

<sup>18</sup> SUPERVIELLE, Jules. *In viaggio con Supervielle*. Tradução de Nelo Risi. Milão: All'insegna del pesce d'oro, 1956

para que as crianças aprendam a amá-lo –  
ele que fez dinheiro com a *Anonima Assasini*

O poema *Il figliol prodigo* (“O filho pródigo”) foi publicado em *Pensieri elementari* (“Pensamentos elementares”) de 1961 dentro da seção *Civilissimo 2*. O poema é composto por duas partes: na primeira, uma citação dos jornais colocada em quatro versos em dimensões de um carácter menor que o parágrafo de dez versos que a segue e que constitui a segunda parte.

A primeira observação em relação à tradução diz respeito ao termo *figliol* do título do poema. A forma arcaica *figliol prodigo* é corrente em italiano enquanto em português não há uma forma arcaica do título desta parábola de Jesus citada nos Evangelhos mas apenas a forma moderna “filho pródigo”.

A tradução da forma arcaica em italiano a uma forma moderna em português traz certamente uma perda desta característica formal, embora não semântica. Além disso, as obras de arte que usaram esta parábola como tema utilizaram também o título em sua forma arcaica em italiano, o que representa implicitamente uma forma de diálogo deste poema com outras obras de arte que trataram o mesmo tema. (Parabola Del Figlio Prodigio, 2023)

No primeiro verso da primeira parte sabemos que o filho pródigo do poema é o mafioso Frank Costello, pseudônimo de Francesco Castiglia (Cassano allo Ionio, 1891 - Nova York, 1973), chefe da *Cosa Nostra* nos Estados Unidos de 1946 a 1957. (Frank Costello, 2023)

No segundo e terceiro versos, num estilo jornalístico, é narrado o fato que Costello doou 15 milhões ao bispo Cassano Ionio para a construção de uma creche. O quarto verso da primeira parte é o único grafado em itálico e entre parênteses; nele indica-se a fonte da notícia de modo genérico como “(*dai giornali*)” (“(*segundo os jornais*)”).

Ainda nesta primeira parte, a questão cultural talvez a ser esclarecida em uma nota ou apresentação do poema é a descrição do contexto desta pequena cidade da Calábria, Cassano Ionio, hoje com apenas 16 mil habitantes. (Cassano All’ionio, 2023)

Em relação à segunda parte, na estrofe com dez versos, o segundo verso apresenta duas questões relevantes ao tradutor: 1) a agramaticalidade do trecho *la gente leggevano* (grifo meu), ou seja, o singular *la gente* faz a concordância verbal incorreta do verbo *leggere* (“ler”) no plural. Provavelmente, uma referência afetuosa do autor às crianças e adolescentes que liam o romance *Cuore* e cometiam erros gramaticais semelhantes. Diante de um contexto cultural tão distante do brasileiro, preferimos cancelar a expressão desta agramaticalidade na tradução; 2) Para o leitor brasileiro seria oportuno esclarecer em nota ou em texto de apresentação do poema que *Cuore* citado no terceiro verso se refere ao romance de Edmondo

De Amicis. Este romance teve um grande sucesso na Itália e foi muitas vezes criticado por seu tom moralista. A primeira edição do romance na Itália é de 1886 e teve sua primeira tradução no Brasil apenas cinco anos depois de sua publicação italiana, em 1891, traduzido por João Ribeiro (“Coração”) e publicado pela Livraria Francisco Alves. A mais recente edição brasileira do romance *Cuore* (“Coração”) é de 2011, traduzido por Nilson Moulin e publicado pela editora Cosac Naify.

No terceiro verso da segunda parte, o sintagma *oasi di fame* (“oásis de fome”) exprime a antítese de um local paradisíaco que existe em meio ao nada (oásis) mas onde paradoxalmente existe a fome. Esta imagem poderia indicar um tempo do passado de maior integração do homem com o seu meio social, com a natureza e com os ciclos da vida, no qual, paradoxalmente, não se encontram sustento e provisão material. E foi este o contexto, por exemplo, da grande imigração italiana à América do Sul e América do Norte no final do século 19.

No mesmo verso, há também a dificuldade de traduzir *ristoro* que tem o sentido de restaurar sejam as forças físicas que morais e emocionais. Escolhemos o termo “alívio” para traduzir aqui *ristoro* apenas no seu sentido figurado.

No quinto verso da segunda parte, o autor escreve *quarant’anni* sem o apóstrofo (*quarantanni*), uma outra agramaticalidade. Talvez a indicar um bloco longo de tempo, sem interrupção. Aqui me parece que estamos de novo diante de uma nuance de sentido que é intraduzível em português.

No sexto verso da segunda parte, a dificuldade é a tradução de *cafone*. Há algumas diferenças de sentido entre “cafona” em português e *cafone* em italiano. Enquanto em português, “cafona” pode indicar péssimo gosto, sem elegância, espalhafatoso, brega, sem refinamento (Cafona, 2023), em italiano, em modo diverso, *cafone* indica em seu primeiro sentido como são chamados no sul os trabalhadores rurais (Cafone, 2023.). Pensamos no termo “caipira”, mas depois o descartamos porque afinal seria introduzir no contexto italiano algo que diz respeito culturalmente apenas ao Brasil, transferíamos sim a ideia e o sentido da palavra mas falseando o contexto cultural italiano inerente ao poema. Por fim, escolhemos o termo “homem rude” para traduzir *cafone*, embora não corresponda completamente à mesma ideia.

No último verso da segunda parte, a questão a destacar é sobre a organização mafiosa *Anonimi Assassini*. Escolhemos deixar o termo em italiano e em itálico e não traduzi-lo. E um comentário à poesia ou uma nota do tradutor poderá esclarecer que *Anonimi Assassini* foi

uma organização mafiosa criada por Albert Anastasia (Albert Anastasia, 2023) , um dos sócios de Frank Costello.

#### 4) *FINORA SE L'È SEMPRE CAVATA* (“ATÉ AGORA ELE SEMPRE SE VIROU”)

##### FINORA SE L'È SEMPRE CAVATA

Quando la pancia è piena  
quando la Stampa è euforica  
quando le cedole in borsa  
quando la borsa è la vita  
quando il capitale è in Svizzera  
se l'ulcera non rode troppo  
se la mitrale è appena un soffio e non ancora un vizio  
se per un po' la famiglia sta tranquilla in vacanza  
allora va di moda l'indulgenza  
un certo margine di tolleranza  
si può essere inclini anche alla sofferenza  
sovvenendo con un'offerta  
con una cena benefica o una messa  
con dei pellegrinaggi di bontà  
purché si sappia sempre dove il potere  
sta

Il piglio è severo un cipiglio  
verso chi non ha quando lascia la tana  
la sua baracca di terremotato o il suo turno in fabbrica  
o viene su prima dell'ora dalla miniera  
o molla l'aratro per una visita che non è di cortesia  
Ma quando i giovani sono di scena (fortuna  
che ha un figlio mica tanto sveglio) quando  
il dannato scopre che solo la violenza è remuneratrice  
quando il dannato decide di non restare più fuori dalla  
storia  
allora il ricco s'arrocca  
la mignatta s'attacca al telefono  
tira giù dal letto i prefetti  
non bada a spese noleggia un aereo  
o sale in terrazza invocando elicotteri  
vorrebbe indire manovre in anticipo  
avere in casa la flotta della NATO  
una polizia più celere più amata (sic) più armata  
perché si sente opaco  
opaco fino al midollo  
opaco da murare il cervello  
opaco da impedirsi il passo  
opaco come un penosissimo pasto  
opaco d'insonnia opaco d'emergenza

così opaco che stenta nel falò delle auto giù in piazza  
a distinguere la sua  
    opaco ah!  
opaco ai tumulti  
alle bombe agli arresti a quel sangue  
opaco fino al primo squillo  
perché sempre in Italia c'è una tromba che annuncia  
vero corno da caccia: Arrivano i nostri!  
cui segue un'ambulanza che si porta via i morti  
con l'esercito che ristabilisce la calma  
con i faziosi che non stanno in fila neanche sotto la mira

con gli idranti che ritornano idranti e lavano il sangue  
col barista all'angolo che tira su la serranda  
con la gente che fa ressa al primo tram che passa  
con l'incidente chiuso  
col suo portone finalmente aperto  
anche l'aria imbruna andiamo ch'è tardi  
c'è da fare un elogio al prefetto  
c'è da sedere in consiglio  
c'è da salvare un istituto bancario  
c'è da tranquillizzare la moglie col figlio  
c'è una prima alla Scala  
c'è una riunione a Bruxelles...

## ATÉ AGORA ELE SEMPRE SE VIROU

Quando a barriga está cheia  
quando a Imprensa está eufórica  
quando os títulos na bolsa  
quando a bolsa é a vida  
quando o capital está na Suíça  
se a úlcera não corrói demais  
se a mitral é apenas um sopro e ainda não é um vício  
se por um tempo a família ficar tranquila de férias  
então está na moda a indulgência  
uma certa margem de tolerância  
pode-se até ser dado ao sofrimento  
socorrendo com uma ajuda  
com um jantar beneficente ou uma missa  
com peregrinações de bondade  
desde que sempre se saiba onde o poder  
está

A cara é severa uma carranca  
para quem não tem quando deixa a toca  
a tenda de vítima do terremoto ou seu turno na fábrica  
ou sobe à superfície antes da hora na mina

ou larga o arado para uma visita que não é de cortesia  
Mas quando os jovens estão no palco (sorte  
que tem um filho não muito esperto) quando  
o maldito descobre que só a violência é recompensadora  
quando o maldito decide não ficar mais fora da  
    história  
então o rico se abriga  
a chata gruda no telefone  
joga da cama as autoridades  
não olha para as despesas freta um avião  
ou sobe no terraço invocando helicópteros  
gostaria de convocar manobras com antecedência  
ter em casa a frota da OTAN  
uma polícia mais rápida mais amada (sic) mais armada  
porque se sente opaco  
opaco até a medula  
opaco a murar o cérebro  
opaco a se impedir o passo  
opaco como uma lastimabilíssima refeição  
opaco de insônia opaco de emergência  
tão opaco que é difícil na fogueira dos carros embaixo na praça  
distinguir o seu  
    opaco ah!  
opaco aos tumultos  
às bombas às prisões àquele sangue  
opaco até ao primeiro toque  
porque sempre na Itália há uma trombeta que anuncia  
verdadeira trompa de caça: aí vem nosso povo!  
seguido por uma ambulância que leva os mortos  
com o exército restaurando a calma  
com os sectários que não ficam em fila nem sequer sob fogo  
  
com os hidrantes voltando a ser hidrantes e lavam o sangue  
com o dono do bar na esquina que ergue a porta  
com pessoas se aglomerando no primeiro bonde que passa  
com o acidente resolvido  
com a porta de entrada finalmente aberta  
também o ar escurece vamos que é tarde  
há que se fazer um elogio à autoridade  
há que se sentar na assembléia  
há que se salvar uma instituição bancária  
há que se tranquilizar a esposa com o filho  
há uma estreia no La Scala  
há uma reunião em Bruxelas...

O poema *Finora se l'è sempre cavata* (“Até agora ele sempre se virou”) foi publicado em *Di certe cose che dette in versi suonano meglio che in prosa* (“De certas coisas que ditas

em versos soam melhor que em prosa”) em 2006 na seção *Segni del tempo* (“Sinais do tempo”).

Este poema tem 63 versos sendo 51 deles na primeira estrofe e os 12 versos finais na segunda estrofe. A primeira estrofe tem três períodos: o primeiro com 16 versos; o segundo com 5 versos e o terceiro período com 30 versos. A segunda estrofe tem um único período.

Interessante notar que embora os períodos iniciem com letra maiúscula não há nenhum ponto final neste poema.

O título tem um tom bastante coloquial, quase de gíria, e a questão que o tradutor enfrenta é se traduzir *cavarsela* como é conjugado no título como “se virar”, “se safar” ou “se arranjar”, tendo ao menos estas três possíveis soluções. A escolha foi pela forma mais coloquial e com explicitação do pronome pessoal que no italiano está implícito: “Até agora ele sempre se virou”.

No terceiro verso, segundo a nossa interpretação, as *cedole* se referem a cédulas de títulos aplicados na Bolsa de Valores. Preferimos usar o termo “título” em vez de “cédulas” para que o leitor não confunda com cédulas no sentido de dinheiro em papel moeda.

No quarto verso, há uma referência ao livro *La borsa o la vita* (*Your money or your life*) da escritora americana Vicki Robin, um dos livros precursores do movimento que propõe o decrescimento da economia e que foi muito discutido na Itália no início dos anos 2000 (Smettere Di Lavorare, 2023). E seria necessária uma nota do tradutor ou um comentário ao poema para contextualizar a citação deste livro.

No sétimo verso *mitrale* se refere à válvula mitral presente no coração. O dilema do tradutor foi se deveria colocar o termo “válvula” para dirigir o leitor em direção a ideia de uma válvula cardíaca ou mesmo substituir o termo *mitrale* por coração. Mas, em ambos os casos, seria uma traição à intenção do autor, que simplesmente usou o termo médico como uma metonímia de coração e não buscou estratégias para clarificação do seu verso. Desse modo, decidimos manter a tradução literal de *mitrale* por “mitral” usando o termo médico exatamente como o original. Afinal, Nelo Risi é um poeta-médico.

No décimo oitavo verso – o primeiro do segundo período da primeira estrofe - há uma aliteração com a repetição das sílabas “pi” e “glio”: *Il piglio è severo un cipiglio*. *Piglio* tem como significados possíveis “ar, olhar, aspecto, aparência” (Piglio, 2023). Já *cipiglio* significa “carranca, cara feia” (Cipiglio, 2023a, 2023b). Ou seja, o verso tem um efeito tautológico, de acúmulo de um mesmo significado expresso duas vezes, talvez por uma busca de precisão e, ao mesmo tempo, a escolha da redundância. A solução encontrada não restitui exatamente a aliteração de duas sílabas mas já produz alguma aliteração: “A cara é severa uma carranca”.

No vigésimo nono verso (*tira giù dal letto i prefetti*), a dificuldade está em traduzir *prefetti* já que não existe uma correspondência do cargo de *prefetto* na Itália a um cargo idêntico no serviço público brasileiro. O *prefetto* hoje é um funcionário do Ministério do Interior junto às províncias italianas (Prefetto, 2023a). Uma outra possibilidade é que o poeta se referisse ao *prefetto di polizia* que seria uma espécie de diretor de polícia (Prefetto, 2023b) e também não há uma função correspondente a este cargo nas hierarquias das polícias brasileiras. A solução foi usar o termo genérico de “autoridades”, sem dúvida com perdas de significância. E o vigésimo nono verso foi traduzido desta maneira: “joga da cama as autoridades”.

Do verso 35 ao 46, comparece pontualmente em quase todo verso a palavra *opaco*, a selar o ritmo na parte central do poema. O tradutor se encontra então na necessidade de uma escolha: traduzir literalmente ou buscar um substituto para a palavra *opaco*? Afinal, *opaco* num de seus sentidos poéticos quer dizer em italiano “obscuro” (*oscuro*) (Opaco, 2023a). E um dos sinônimos possíveis de *opaco* é “turvo” (Opaco, 2023b). Ao final, preferimos manter o termo literal “opaco” que também em português significa “apagado”, “sem brilho”.

Nos últimos seis versos do poema há um ritmo construído com os versos sempre iniciados com *c'è* (a forma singular do verbo *esserci*, haver) (Esserci, 2023). A dificuldade da tradução e da manutenção de um ritmo semelhante ao original italiano está no fato que os quatro primeiros versos são formados por *c'è* acompanhado de outro verbo (*c'è da fare...*, *c'è da sedere...*, *c'è da salvare...*, *c'è da tranquillizzare...*), o que produz um significado de “é preciso”. Já nos dois últimos versos do poema, o termo *c'è* não é seguido de outro verbo; tem, portanto, o significado primeiro de *esserci* que, em português, corresponde ao verbo “haver”.

Para manter um ritmo contínuo com repetições nos últimos seis versos, a solução encontrada foi a de utilizar a expressão “Há que se” toda vez que depois de *c'è* segue-se um verbo. Esta solução criou um ritmo que restitui o ritmo sonoro do texto-fonte e a sensação de quebra de função do verbo *esserci* que nos quatro primeiros versos desta série final tem o significado de “ter necessidade, ser preciso” com a sua combinação com outros verbos e depois, nos dois últimos versos, tem apenas o significado de “haver”. Mas, de qualquer maneira, é preciso admitir que o uso da forma “Há que se” criou uma perda com um efeito formal em português que destoa da coloquialidade do original.

##### 5) *IL VIRTUOSO* (“O VIRTUOSO”)

## IL VIRTUOSO

*Zena neigra, Zena de marmu triste,  
grama Zena, parasceve de sepulcri!*  
FRANCO LOI, L'Angel

A sette anni il padre  
lo esibiva sulla tavola  
tra i resti della cena  
– l'archetto in mano  
come una bella statua  
Una vertigine di suoni  
Capricci e Variazioni  
mai espressi prima  
– il prodigio  
che l'Europa acclama

Redingote  
panciotto giallo  
capelli a ciocche sulle spalle  
– un dandy  
tra l'arcangelo e il ciarlatano

Afono, avrà venduto  
in 'sta Zena de marmu triste  
la voce al suo violino  
– un altro patto col diavolo  
mugugnano i si dice

Ai concerti improvvisava  
*«la tensione elettrica che provo  
a maneggiare un'armonia  
per me tragica mi nuoce  
orribilmente»*

Seduttore libertino  
*«l'effetto del mio suono  
le fa impazzire»* ma quel gelo  
nelle ossa, d'estate anche in pelliccia  
tormentato da una tosse convulsa

Tra un concerto e l'altro  
vive in diligenza  
aggrappato ai suoi tesori  
– i violini di Cremona  
i doni di tutti i sovrani

## O VIRTUOSO

*Zena neigra, Zena de marmu triste,  
grama Zena, parasceve de sepulcri!*  
FRANCO LOI, L'Angel

Aos sete anos o pai  
o exhibia sobre a mesa  
entre os restos do jantar  
– o arco na mão  
como uma bela estatueta  
Uma vertigem de sons  
Caprichos e Variações  
nunca expressos antes  
- o prodígio  
que a Europa aclama

Redingote  
colete amarelo  
cabelo em mechas sobre os ombros  
– um dândi  
entre o arcanjo e o charlatão

Afônico, ele terá vendido  
nesta *Zena de marmu triste*  
a voz ao seu violino  
– um outro pacto com o diabo  
resmungam, se diz

Nos concertos ele improvisava  
*“a tensão elétrica que sinto  
ao manusear uma harmonia  
para mim trágica me prejudica  
terrivelmente”*

Sedutor libertino  
*“o efeito do meu som  
as enlouquece”*, mas aquele gelo  
nos ossos, no verão até de casaco de pele  
atormentado por uma tosse convulsa

Entre um concerto e outro  
vive em diligência  
agarrado aos seus tesouros  
– os violinos de Cremona  
os presentes de todos os soberanos

Arrivato al punto  
quando i medici non servono più a niente  
rifiuta prete e sacramenti  
– non ha bisogno d’intermediari  
chi dialoga con Dio

Alla sua Genova  
lega un diamante  
e il Guarneri del Gesù  
– due milioni al figlio in terreni e titoli  
per sé uma morte senza sepultura

Chegando ao ponto  
quando os médicos não servem para mais  
/nada  
recusa padre e sacramentos  
– não precisa de intermediários  
quem dialoga com Deus

Na sua Gênova  
amarra um diamante  
e o Guarneri del Gesù  
– dois milhões para o filho em terras e títulos  
para si uma morte sem sepultamento

O poema *Il virtuoso* (“O virtuoso”) integra o livro *I fabbricanti del bello* (“Os fabricantes do belo”) publicado em 1982. O próprio poeta explica a origem do livro em uma nota (Risi, 2020): “Esta série de trinta e cinco retratos e variações sobre a arte tem como ponto de partida uma composição poética, *Il Tasso a Sant’Anna*, composta anos antes e pertencente a uma outra antologia”.<sup>19</sup>

*Il virtuoso* tem 45 versos e é formado por 8 estrofes. A primeira de dez versos e as demais sete estrofes tem cinco versos cada uma. O título em português teria duas possibilidades: *O virtuose* ou *O virtuoso*. A diferença é que “virtuose” diz respeito especificamente a um artista muito habilidoso em sua arte (Virtuose, 2023 a, 2023b). Já “virtuoso” além deste significado, possui também uma referência à virtude moral e cívica (Virtuoso, 2023a, 2023b). E, ao final, escolhemos como título “O virtuoso” por estar mais próximo à sonoridade e à *letra* do título do texto-fonte e por manter esta dupla significância.

A primeira dificuldade da tradução é a epígrafe do poeta Franco Loi citada na abertura do poema em dialeto. Esta epígrafe foi extraída do livro *L’Angel* publicado em 1981, portanto um ano antes do lançamento de *I fabbricanti del bello* o que demonstra o quanto Nelo Risi se inspirava na cena poética contemporânea daqueles anos e se esforçava por atualizar-se e nutrir-se da poesia da sua época.

Antoine Berman (2013) propõe que um vernacular estrangeiro não pode ser traduzido por um vernacular local e que uma operação do gênero produziria a vulgarização.

A exotização pode caminhar para a vulgarização ao passar um vernacular estrangeiro para um vernacular local: a gíria de Paris traduz o *lunfardo* de Buenos Aires, o “falar normando”, o dos camponeses russos ou italianos. Infelizmente, o vernacular não pode ser traduzido a outro vernacular. *Só as coínés, as línguas*

<sup>19</sup> No original: “Questa serie di trentacinque ritratti e di variazioni sull’arte prende l’avvio da un componimento poetico, *Il Tasso a Sant’Anna*, composto anni prima e che appartiene ad altra raccolta”.

*“cultas”, podem entretraduzir-se. Tal exotização, que transpõe o estrangeiro de fora pelo de dentro, só consegue ridicularizar o original (Berman, 2013, p. 82-83).<sup>20</sup>*

De fato, a riqueza dialetal italiana é muito maior que a brasileira que se expressa mais através de regionalismos. Assim, a questão que se impõe ao tradutor é, na verdade, a de traduzir o dialeto ou deixá-lo em sua forma vernacular com uma nota de tradutor ou comentário que o esclareça ou o traduza em modo livre ou literal. Nos parece que esta segunda alternativa seja a mais acertada, para que o leitor possa entrar em contato com uma das formas dialetais italianas, e experiencie a convivência do vernacular com a língua culta — seja no original italiano, seja na tradução em português.

Mas terá o tradutor do italiano ao português suficientes ferramentas para traduzir o vernacular? Para tentar responder a esta pergunta, iniciou-se uma longa busca e pesquisa para compreender os dois versos da epígrafe de Franco Loi em dialeto.

A primeira tentativa de solução foi a de recorrer a tradutores automáticos de dialetos on-line (Mr. Dialect, 2023) e o resultado da tradução de *“Zena neigra, Zena de marmu triste,/grama Zena, parasceve de sepulcri!”* por *“La donna nera, la donna di marmo triste, /l'erba la donna, il venerdì dei sepolcri!”* absolutamente não nos convenceu.

Franco Loi, embora lígure, é conhecido como escritor de dialeto milanês em grande parte de sua obra (Franco Loi, 2023).

Em seguida, nossa tentativa foi procurar, em dicionários de milanês on-line, esclarecimentos sobre o sentido de palavras que se repetem nos dois versos, como *Zena*, por exemplo.

O primeiro dicionário encontrado (Dizionario Italiano/Milanese, 2023) de autoria de Fabio Fumagalli e AnnaMaria Paganini não continha um verbete para *Zena*.

Descobrimos a existência de um segundo dicionário de dialeto milanês: o vocabulário milanês-italiano de Francesco Cherubini (Cherubini, 2023a), em dois volumes do início do século 19.

Embora este dicionário tenha sido publicado há mais de 170 anos de distância do lançamento de *L'Angel*, buscamos o sentido da palavra *Zena* neste dicionário hipotetizando que os versos citados tinham sua origem no dialeto milanês.

---

<sup>20</sup> No original: *“L'exotisation peut rejoindre la vulgarisation en rendant un vernaculaire étranger par un vernaculaire local: l'argot de Paris traduit le lunfardo de Buenos Aires, le “parler Normand” celui des paysans russes ou italiens. Malheureusement, le vernaculaire ne peut être traduit dans un autre vernaculaire. Seules les Koinés, les langues “cultivées”, peuvent s'entretraduire. Une telle exotisation, qui rend l'étranger de dehors par celui de dedans, n'aboutit qu'à ridiculiser l'original”.*

Foi possível encontrar os dois volumes do dicionário de milanês de Cherubini em sua edição de 1810 na web (Cherubini, 2023b, 2023c). E, em seguida, foi possível localizar sucessivas edições deste mesmo dicionário de 1814 e de 1840-43 e finalmente de 1856 (Cherubini, 2023d). Mas também ali não existe um verbete para *Zena*.

A seguir, um outro minidicionário milanês-italiano foi encontrado na web (Mini Vocabolario Milanese Italiano, 2023) e nenhum desses dicionários foi capaz de nos esclarecer sobre os versos de Franco Loi.

Recorremos ao chat GPT que nos informou que os versos de Franco Loi “*Zena neigra, Zena de marmu triste,/grama Zena, parasceve de sepulcri!*” eram escritos em genovês e não em milanês. E nos propunha esta tradução dos versos de Loi em italiano: *Zena negra, Zena di marmo triste,/grama Zena, parete di sepulcri!*. E do italiano ao português o Chat GPT propôs: “*Gênova negra, Gênova de mármore triste,/triste Gênova, parece um conjunto de sepulcros!*”

De fato, em mais de um artigo na internet pude confirmar que *Zena* é “Gênova” em genovês (Metaprintart, 2023). Seriam, então, os versos de Franco Loi em genovês ao invés da hipótese inicial que seriam escritos em milanês?

De qualquer maneira, após esta longa pesquisa, demonstrou-se que a tradução dos dois versos em dialeto estava além das capacidades do tradutor de italiano ao português. E nesta nota à epígrafe de Franco Loi proponho que o tradutor poderia modestamente descrever os versos como tratando de Gênova como negra e de mármore triste e informar que o livro *L’Angel* de Franco Loi foi escrito em diversos dialetos como o milanês, o genovês e os dialetos de Roma e de uma pequena cidade da Emília Romanha (de Colorno, o dialeto Colornês). (*L’Angel*, 2023)

Além disso, fizemos contato por e-mail com alguns especialistas em milanês e com pessoas que vivem em Milão de nossa rede de contatos. E as respostas indicaram ainda maior complexidade: a obra de Loi é quase uma língua inventada a partir dos dialetos, segundo a opinião dessas fontes.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Como me escreve em um email em resposta às minhas perguntas, Piero Dragan, docente do curso avançado de língua e cultura milanese do “Circolo Filologico Milanese” (Circolo Filologico Milanese, 2023, minha tradução): “Franco Loi, que conheci e vi algumas vezes, tem este estranho destino na literatura dialetal: - para muitos ele é, junto com Delio Tessa, o maior poeta do dialeto milanês do século passado; - para alguns puristas o milanês que usa para escrever seus poemas (ainda que muito belos) é limítrofe, às vezes chamado de “Loiese” (seu idioma privado). As invenções e os exageros que impõe à linguagem seriam tais que o resultado final, embora esteticamente muito apreciável, pertenceria a uma categoria separada (entre o dialeto milanês e a sua própria língua inventada)”. Em Italiano: “*Franco Loi, che ho conosciuto e visto in alcune occasioni, in letteratura dialettale ha questo strano destino: - per molti è assieme a Delio Tessa il più grande poeta dialettale milanese del secolo scorso; - per alcuni puristi il milanese che utilizza per scrivere le sue poesie (comunque molto belle) è borderline, a volte chiamato “Loiese” (la sua lingua privata). Le invenzioni e forzature che impone alla lingua sarebbero tali che il risultato finale, pur esteticamente molto apprezzabile, apparterebbe ad una categoria separata (tra il dialetto milanese ed una sua lingua inventata)*”.

Apesar dessa bastante longa digressão sobre a dificuldade não apenas de traduzir os versos da epígrafe em dialeto de Franco Loi mas também mesmo de escrever uma nota de tradutor que esclarecesse o conteúdo desses versos colocados como epígrafe na abertura do poema de Nelo Risi, estas linhas servem mais uma vez para ilustrar o quanto nos encontramos diante da grande complexidade da conexão entre culturas através da tradução e que se expressa particularmente aqui na temática do intraduzível.

Depois de tratar da epígrafe que abre o poema, a seguir trataremos das estrofes do poema de Nelo Risi.

Na primeira estrofe, a única com dez versos, observa-se no primeiro período de cinco versos o retrato da infância do violinista virtuoso e compositor Nicolò Paganini, nascido em Gênova em 1872 e morto em Nice em 1840 e um dos mais importantes músicos e compositores da música romântica italiana (Paganini, 2023a) No segundo período de cinco versos da primeira estrofe, Nelo Risi faz referência aos 24 *Caprichos* compostos por Paganini e as várias composições com indicações em seus títulos como *Variações*. (Paganini, 2023b)

A segunda estrofe de cinco versos inicia a descrição de Paganini pelo seu modo de vestir-se e pelo seu penteado que faz da sua figura “um dândi/entre o arcanjo e o charlatão” (*un dandy/tra l’arcangelo e il ciarlatano*). A dificuldade aqui está em traduzir redingote como casaco ou sobrecasaco ou deixá-lo com o termo homônimo em português, “redingote”. Escolhemos usar na tradução a palavra “redingote” (Redingote, 2023a, 2023b, 2023c) por ser uma peça de vestuário precisa enquanto que casaco ou sobrecasaco são genéricos. E era a intenção do poeta uma descrição dos detalhes do modo de se vestir e de se pentear de Paganini.

Na terceira estrofe de cinco versos, a principal dificuldade que se apresenta é novamente como lidar com o vernacular, com o dialeto que surge no segundo verso desta estrofe *in ’sta Zena de marmu triste*. A escolha do autor foi a convivência da língua culta italiana com o vernacular, sem distinções de nenhum tipo gráfico (itálico ou aspas, por exemplo). A nossa escolha foi pela manutenção do vernacular genovês colocado na tradução exatamente como no original, no entanto, em itálico. E com uma nota do tradutor que informasse o leitor o sentido deste verso como sendo em tradução livre: “nesta Gênova de mármore triste”. Outra dificuldade é a tradução do último verso desta estrofe: *mugugnano i si dice*. E a dificuldade está no “i” que não parece ter a função de artigo plural masculino como registrado na gramática italiana. A nossa tradução deste verso introduz uma vírgula que não

existe no tecido do texto-fonte além disso produz uma agramaticalidade ao não colocar o “se” depois do verbo em posição enclítica apenas com o objetivo conservar o tom coloquial: “resmungam, se diz”.

A quarta estrofe tem uma citação de Paganini que ocupa 4 dos 5 versos da estrofe e até o momento não conseguimos identificar a sua fonte.

Na oitava e última estrofe, surge a referência a seu violino preferido chamado de *Guarneri del Gesù*. Construído em 1793 pelo luthier cremonesiano Bartolomeo Guarneri — dito “del Gesù” por associar a sua assinatura ao signo da cruz —, e oferecido a Paganini por um admirador. Foi o próprio Paganini a doá-lo à cidade de Gênova em seu testamento para que fosse ali conservado. (Guarnieri Del Gesù, 2023)

É interessante notar que esta poesia tem a intenção de ser quase uma biografia completa, embora breve, de Paganini: na primeira estrofe apresenta-se a cena do virtuoso, aos 7 anos, tocando seu violino em cima da mesa; na última, descreve-se a sua morte sem sepultura, mas com o legado de uma boa herança deixada para o filho. Paganini morre em 1840 em Nice mas o bispo da cidade proíbe o seu sepultamento em cemitérios consagrados por considerá-lo herético e o grande músico teve o corpo mumificado e só foi sepultado 13 anos depois em Parma, em 1853.

#### 6) *INTERMEZZO LIEVE* (“INTERLÚDIO LEVE”)

##### INTERMEZZO LIEVE

Vorrei con un triciclo che mi toccasse in sorte  
di pedalar su Marte avendo per risorse  
un po’ di ossigeno, a difesa una pelliccia  
ché la temperatura è bassa e per compagna  
una marziana. Dove il cielo è color rosa  
come un bel sogno quasi librati in aria  
a gravità ridotta condividere il pianeta  
ogni giorno un posto nuovo, far progetti  
darsi al ballo o giocare a bocce rosse  
tra i canali le piramidi le rocce  
poi se turbina la sabbia, non ristà  
l’ultravioletto sotto tenda amarsi tanto  
allacciati stretti stretti, ben lontani  
da troppo ammodo occhi indiscreti...

##### INTERLÚDIO LEVE

Gostaria com um triciclo que me coubesse por sorte  
de pedalar em Marte tendo como recursos  
um pouco de oxigênio, como proteção um casaco de pele  
porque a temperatura é baixa e como companheira  
uma marciana. Onde o céu é cor de rosa  
como um belo sonho quase suspensos no ar  
em gravidade reduzida compartilhar o planeta  
cada dia um lugar novo, fazer planos  
entregar-se à dança ou jogar com bochas vermelhas  
entre os canais as pirâmides e as rochas  
depois agita-se a areia, ela não se demora  
o ultravioleta sob a tenda amar-se muito  
enlaçados abraçados abraçados, bem longe  
de demasiados diligentes olhares curiosos...

O poema *Intermezzo lieve* (“Interlúdio leve”) integra *Le risonanze* (“As ressonâncias”), livro publicado por Nelo Risi em 1987 e tem uma única estrofe com quatorze versos.

A primeira dificuldade está no título: manter “intermezzo” que é um termo usado internacionalmente e, claro, também em português, ou traduzi-lo como “interlúdio”? Escolhemos traduzi-lo como “interlúdio”. Ainda sobre o título, traduzir “lieve” como leve, ligeiro ou suave? “Ligeiro” foi excluído porque tem a ideia de algo rápido que coincide também com um dos significados de interlúdio e esta escolha seria pleonástica. Escolhemos, assim, traduzi-lo como “leve”. Portanto, o título da tradução é “Interlúdio leve”.

No sexto verso *come un bel sogno quasi librati in aria* a questão que se coloca ao tradutor é qual seria a melhor tradução de *librati*. Algumas possibilidades interessantes excluía o sentido plural de *librati* que indica o modo como o casal vive em Marte. Como seria o caso, por exemplo, de flutuando/pairando/a pairar no ar. A solução encontrada para dar expressão ao plural de *librati* pela nossa tradução foi “suspensos no ar”.

No penúltimo verso, a dificuldade do tradutor é transpor *stretti stretti* em português. A repetição dos termos na tradução literal “apertados apertados” não dá a ideia da intimidade e intensidade de *stretti stretti*. Outra possibilidade seria substituir um termo pelo advérbio “bem” (“bem apertados”) mas logo se revelou também insuficiente. A solução encontrada foi a de traduzir *stretti stretti* por “abraçados abraçados” que mantém a ideia da intensidade e da intimidade de *stretti stretti* e também o efeito da repetição. Além disso, a aliteração no verso italiano de *allacciati stretti stretti* se recupera de alguma forma na tradução em português por “enlaçados abraçados abraçados”

Este poema soa estranho por sua carga de lirismo sonhador na obra de um poeta que buscou termos concretos da vida real, do universo de temas da discussão da sociedade civil. A excepcionalidade reconhecida até no título como um *intermezzo* nos pareceu suficiente para incluí-lo nesta pequena antologia de poemas de Nelo Risi. Mas, no entanto, é importante reconhecer, como lembra a poeta Alida Airaghi (2023) que “na maturidade, porém, foram os temas e argumentos privados que prevaleceram, através de acentos mais ternos e melancólicos, e da profundidade da análise psicanalítica”.<sup>22</sup>

### 7) CONGEDO (“DESPEDIDA”)

#### CONGEDO

Al tintinnìo sul selciato  
d’un nichelino bucato appeso a un filo  
il piccolo perdigiorno ingannava i passanti  
ingenuamente chini a cercare

Lo stesso che figlio del secolo testé trascorso  
sulla traccia d’un sogno enunciato  
offre la mano a una zingara  
che lì per lì gl’inventa un avvenire

La vita è anche gioco  
e su quel labirinto di linee malamente intrecciate  
non c’è idiota di paese né barba di sciamano  
in grado di sciogliere l’enigma della data  
che al vecchio sembra stare tanto a cuore.

#### DESPEDIDA

Ao tilintar na calçada  
de um níquel furado pendurado por um fio  
o pequeno vagabundo enganava os transeuntes  
ingenuamente curvados a procurar

O mesmo que filho do século recém-passado  
na trilha de um sonho enunciado  
mostra a sua mão a uma cigana  
que num instante lhe inventa um futuro

---

<sup>22</sup>No original: “Nella maturità furono invece i temi e gli argomenti privati a prevalere, attraverso accenti più inteneriti e malinconici, e lo scandaglio dell’analisi psicanalitica”.

A vida também é jogo  
e nesse labirinto de linhas mal entrelaçadas  
não há idiota de aldeia ou barba de xamã  
capaz de desvendar o enigma da data  
que o velho parece tanto se importar.

O poema *Congedo* (“Despedida”) foi publicado em *Altro da dire* (“Mais a dizer”) de 2000 na seção *Epoca* (“Época”). Este poema tem três estrofes e um total de 13 versos. A primeira e a segunda estrofes tem cada uma quatro versos e a terceira e última estrofe tem cinco versos.

A primeira dificuldade no primeiro verso da segunda estrofe está no advérbio *testé*, um termo raro e literário, que significa *dianzi, poco fa* (Testé, 2023a) e em português “há pouco” (Testé, 2023b). Haveria um termo literário ou raro em português para dar a ideia de “há pouco” e assim mimetizar o efeito do original na tradução? Embora não tenhamos encontrado um termo com esta característica, na escolha de “recém” para traduzir “testé” ao menos evitamos o uso de mais de um termo (“há pouco”, “que acabou de passar”) e escolhemos uma palavra com duas sílabas no mesmo modo que “testé” e que com hífen forma a palavra composta “recém-passado”.

No verso seguinte a questão é a escolha do termo para a tradução de *traccia*, entre as possibilidades levantadas de “trilha”, “rastros”, “pegada” (Traccia, 2023) a escolha recai sobre “trilha”, mais próxima da *letra* do original em italiano (*traccia*).

No terceiro verso da segunda estrofe, ao traduzir *offre la mano a una zingara* preferimos colocar o verbo no sentido menos figurado de “mostrar, apresentar” (Offrire, 2023). E explicitar o pronome possessivo. “mostra a sua mão a uma cigana” (grifo e itálico nosso) - que, no original, é implícito.

No quarto verso da segunda estrofe, o desafio é o de traduzir a locução adverbial *lì per lì* cujo significado os dicionários indicam como “a princípio” (Lí per lí, 2023a) ou “num primeiro momento” (Lí per lí, 2023b); no entanto, optamos por traduzi-la, no contexto do verso, como “num instante” (“que num instante lhe inventa um futuro”).

A terceira estrofe é o encerramento do poema e tem uma chave de conclusão. As duas primeiras estrofes apresentavam em modo ágil e preciso imagens e cenas como a moeda furada pendurada por um fio que cai e o vagabundo que engana aqueles que a procuram ou ainda o encontro com a cigana que lê as linhas das mãos na segunda estrofe. Já na terceira estrofe, ao invés disso, a questão de fundo é metafísica: se a vida é jogo, o seu enigma – a data do seu término – é indecifrável. E é interessante notar que a única pontuação do poema é

o ponto final no último verso da terceira estrofe e que trata da questão do momento em que a vida chega ao fim – uma pontuação não apenas gramatical mas metafórica e simbólica.

Este poema cheio de imagens descritas em modo veloz e que se sucedem de maneira dinâmica é um exemplo de como em sua poesia Nelo Risi dialoga e usa técnicas inspiradas na linguagem cinematográfica.

## Referências

AIRAGHI, Alida. **L’occhio cinematografico di un poeta: Nelo Risi** (artigo em pickwick.it - culture, critica e narrazioni). Página eletrônica de 2018. Disponível em: <https://www.ilpickwick.it/index.php/letteratura/item/4185-1%E2%80%99occhio-cinematografico-di-un-poeta-nelo-risi> Acesso em: 29 de dezembro de 2023

ALBERT ANASTASIA. In: **Storia in network**. Disponível em: <http://win.storiain.net/arret/num2/anastas2.htm>. Acesso em: 26.nov.2023

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo** . Tradução de Marie-Hélène C.Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. 2ª ed., Copiart, Tubarão, Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BERMAN, Antoine. “La traduction et la lettre ou l’auberge du lointain”. In : **Les Tours de Babel. Essais sur la traduction**, Mauvezin, Trans-Europ-Repress, 1985.

CAFONA. In : **Dicio, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus.. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cafona/> . Acesso em: 26.nov.2023

CAFONE. In: **Vocabolario Treccani online**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana. Disponível em: [https://www.treccani.it/vocabolario/cafone/#:~:text=villano%2C%20\(spreg.\),zappaterra%2C%20zappatore](https://www.treccani.it/vocabolario/cafone/#:~:text=villano%2C%20(spreg.),zappaterra%2C%20zappatore). Acesso em: 26.nov.2023

CASSANO ALL’IONIO. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Disponível em: [https://it.wikipedia.org/wiki/Cassano\\_all%27Ionio](https://it.wikipedia.org/wiki/Cassano_all%27Ionio) . Acesso em: 26.nov.2023

CELERE. In: **Vocabolario Treccani online**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2022. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/celere/>. Acesso em: 26.nov.2023

CHERUBINI. In: **Accademia della Crusca - Lessicografia della Crusca in rete**, 2023a. Disponível em: <http://www.lessicografia.it/FabbricaDellItaliano.jsp?sysno=0061555> Acesso em: 26.nov.2023.

CHERUBINI. In: **Vocabolario milanese-italiano**. Google Books, 2023b, PRIMEIRO VOLUME. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?redir\\_esc=y&hl=it&id=yB4tAAAYAAJ&q=zena#v=onepage&q=zena&f=false](https://books.google.com.br/books?redir_esc=y&hl=it&id=yB4tAAAYAAJ&q=zena#v=onepage&q=zena&f=false) Acesso em: 26.nov.2023

CHERUBINI. In: **Vocabolario milanese-italiano**. Google Books, 2023c, SEGUNDO VOLUME. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=LV5JAAAAMAAJ&hl=it&source=gb\\_s\\_similarbooks](https://books.google.com.br/books?id=LV5JAAAAMAAJ&hl=it&source=gb_s_similarbooks) , Acesso em: 26.nov.2023

CHERUBINI. In: **Corte dei Rossi**, 2023d. Disponível em: <http://www.cortedeirossi.it/libro/libri/cherubini.htm>. Acesso em 26.nov.2023

CIPIGLIO. In: **Michaelis, Dicionário Escolar Italiano**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023a. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/escolar-italiano/busca/italiano-portugues/cipiglio/>. Acesso em: 26.nov.2023

CIPIGLIO. In: **Vocabolario Treccani online**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2023b. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/cipiglio>. Acesso em: 26.nov.2023

CIRCOLO FILOLOGICO MILANESE. In: **Corso Avanzato in Lingua e Cultura Milanese**, 2023. Disponível em: [https://filologico.it/attivita\\_culturale/milanese-avanzato/](https://filologico.it/attivita_culturale/milanese-avanzato/) Acesso em: 26.nov.2023

CORVO VINI. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://it.wikipedia.org/wiki/Corvo\\_Vini](https://it.wikipedia.org/wiki/Corvo_Vini). Acesso em: 26.nov.2023

CUCCHI, Maurizio. Introduzione. In: RISI, Nelo. **Tutte le poesie**. Milão: Mondadori, 2020. Ebook.

DINO RISI. In: **Enciclopedia Treccani online**. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/dino-risi\\_\(Dizionario-Biografico\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/dino-risi_(Dizionario-Biografico)/) . Acesso em: 6.fev.2026

DIZIONARIO ITALIANO/MILANESE. In: **Cabaret Milano Duemila**. Disponível em: <http://www.cabaretmilanoduemila.it/milanesita/dizionari-italian-milanes> . Acesso em: 26.nov.2023

ESSERCI. In: **Dicionário Infopédia de Italiano-Potuguês** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2023b. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/italiano-portugues/essere?express=esserci,%20esservi> . Acesso em: 26.nov.2023

FRANCO LOI. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://it.wikipedia.org/wiki/Franco\\_Loi](https://it.wikipedia.org/wiki/Franco_Loi) , Acesso em: 26.nov.2023

FRANK COSTELLO. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://it.wikipedia.org/wiki/Frank\\_Costello](https://it.wikipedia.org/wiki/Frank_Costello). Acesso em: 26.nov.2023

GUARNIERI DEL GESÙ. In: **Musei di Genova**, Gênova. Disponível em <https://www.museidigenova.it/it/guarnieri-del-gesu-violino-di-paganini> . Acesso em: 26.nov.2023

IOLI, Giovanna. Nelo Risi visto da vicino. In: **Cuadernos de Filologia italiana**. Madrid: Ediciones Complutense, n. 25, 2018, p. 247-265

L'ANGEL. In: **Oscar Mondadori**, 2023. Disponível em:  
<https://www.oscarmondadori.it/libri/langel-franco-loi/> . Acesso em: 26.nov.2023

LERCARA FRIDDI. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em:  
[https://it.wikipedia.org/wiki/Lercara\\_Friddi](https://it.wikipedia.org/wiki/Lercara_Friddi) . Acesso em: 26.nov.2023

LÍ PER LÍ. In: **Dicionário Infopédia de Italiano-Potuguês** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2023a. Disponível em: [li | Tradução de li no Dicionário Infopédia de Italiano - Português \(infopedia.pt\)](https://www.infopedia.pt/?l=li)) Acesso em: 26.nov.2023

LÍ PER LÍ. In: **Dizionario Italiano De Mauro** - Vocabolario online della lingua italiana, 2023b. Disponível em: <https://dizionario.internazionale.it/parola/li-per-li> Acesso em: 26.nov.2023

LISTE DE POÈTES DE LANGUE FRANÇAISE. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em:  
[https://fr.wikipedia.org/wiki/Liste\\_de\\_po%C3%A8tes\\_de\\_langue\\_fran%C3%A7aise](https://fr.wikipedia.org/wiki/Liste_de_po%C3%A8tes_de_langue_fran%C3%A7aise) . Acesso em: 26.nov.2023

METAPRINTART. In: **Metaprint**, 2023. Disponível em:  
<https://www.metaprintart.info/varie/36925-genova-bella-e-superba/#:~:text=La%20bella%20%C3%A8%20il%20significato,Bella%20e%20Superba> . Acesso em: 26.nov.2023

MINI DIZIONARIO MILANESE ITALIANO. In: **Melegnano**, 2023. Disponível em:  
<https://www.melegnano.net/menaghino/dialetto01.htm> . Acesso em: 26.nov.2023.

MR. DIALECT. In: **Weis und Weis Media**. Disponível em:  
<https://mr-dialect.com/it/traduttore-dialetti-italiani/> . Acesso em: 26.nov.2023

OFFRIRE. In: **Michaelis**, Dicionário Escolar Italiano. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023 Disponível em:  
<https://michaelis.uol.com.br/escolar-italiano/busca/italiano-portugues/offrire/> Acesso em: 26.nov.2023

OPACO. In: **Vocabolario Treccani online**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2023a. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/opaco/> . Acesso em: 26.nov.2023

OPACO. In: **Dicionário online de sinônimos**. Porto: 7Graus. Disponível em:  
<https://www.sinonimos.com.br/opaco/>. Acesso em: 26.nov.2023

PAGANINI. In: **Enciclopédia Treccani online**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2023a. Disponível em: (<https://www.treccani.it/enciclopedia/niccolo-paganini/> ). Acesso em: 26.nov.2023

PAGANINI. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em:  
([https://it.wikipedia.org/wiki/Niccol%C3%B2\\_Paganini](https://it.wikipedia.org/wiki/Niccol%C3%B2_Paganini) . Acesso em: 26.nov.2023

PARABOLA DEL FIGLIO PRODIGO. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://it.wikipedia.org/wiki/Parabola\\_del\\_figlio\\_prodigo](https://it.wikipedia.org/wiki/Parabola_del_figlio_prodigo). Acesso em: 26.nov.2023

PIGLIO. In: **Dicionário Infopédia de Italiano-Potuguês** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2023, Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/italiano-portugues/piglio>. Acesso em: 26.nov.2023

PREFETTO. In: **Vocabolario Treccani online**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2023a. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/prefetto/> . Acesso em: 26.nov.2023

PREFETTO. In: **Dicionário Infopédia de Italiano-Potuguês** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2023b. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/italiano-portugues/prefetto> . Acesso em: 26.nov.2023

REDINGOTE. In: **Dicionário Priberam de Língua Portuguesa**. Porto: Lello Editores, 2023a. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/redingote> Acesso em 26.nov.2023

REDINGOTE. In: **Dicio, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023b. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/redingote/> Acesso em 26.nov.2023

REDINGOTE. In: **DI- Dicionário InFormal**, 2023c. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/redingote/> Acesso em: 26.nov.2023

RISI, Nelo. **Tutte le poesie**. Mondadori: Milão, 2020. Ebook.

SFORZARE. In: **Vocabolario Treccani online**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/sforzare1/> . Acesso em: 26.nov.2023

TESTÉ. In: **Vocabolario Treccani online**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2023a. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/teste/> Acesso em: 26.nov.2023

TESTÉ. In: **Dicionário Infopédia de Italiano-Potuguês** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2023b. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/italiano-portugues/TEST%C3%89> Acesso em: 26.nov.2023

TRACCIA. In: **Michaelis**, Dicionário Escolar Italiano. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023 Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/escolar-italiano/busca/italiano-portugues/traccia/> Acesso em: 26.nov.2023

VALLE DEI TEMPLI. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://it.wikipedia.org/wiki/Valle\\_dei\\_Templi](https://it.wikipedia.org/wiki/Valle_dei_Templi). Acesso em: 26.nov.2023.

VIRTUOSE. In: **Dicio**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023a. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/virtuose/> . Acesso em: 26.nov.2023

VIRTUOSE. In: **Dicionário Priberam de Língua Portuguesa**. Porto: Lello Editores, 2023b. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/virtuose> Acesso em: 26.nov.2023

VIRTUOSO. In: **Dicio, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023a. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/virtuoso/> . Acesso em: 26.nov.2023

VIRTUOSO. In: **Dicionário Priberam de Língua Portuguesa**. Porto: Lello Editores, 2023b. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/virtuoso> . Acesso em: 26.nov.2023

ZOLFO DI SICILIA. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://it.wikipedia.org/wiki/Zolfo\\_di\\_Sicilia](https://it.wikipedia.org/wiki/Zolfo_di_Sicilia). Acesso em: 26.nov.2023

Recebido em: 05/11/2025  
Aprovado em: 10/02/2026